



PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: um olhar sobre o fenômeno do *bullying*

Maria Giovanna Machado Xavier²³

RESUMO

O artigo discute o fenômeno do *bullying*, partindo da análise de textos de divulgação encontrados facilmente na internet. Realiza a discussão buscando na Psicanálise freudiana e na Psicanálise de Orientação lacaniana, as bases teóricas necessárias para desmistificar o fenômeno enquanto prática de violência unilateral vivida nas escolas e na sociedade em geral. O fenômeno é apresentado como um sintoma social contemporâneo, cuja origem encontra-se no processo de constituição dos sujeitos que praticam o *bullying*, seja como agressor ou como receptor da agressividade do outro. Considera que ambos responsáveis pela relação que constroem, pela via de seus sintomas.

Palavras-chave: Psicanálise. *Bullying*. Educação. Escola.

PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION: a look at the phenomenon of *bullying*

154

ABSTRACT

The article discusses the phenomenon of the *bullying*, leaving from the analysis of texts of spread found easily in the Internet. It carries out the discussion looking in the Freudian Psychoanalysis and in the Psychoanalysis of Direction lacaniana, the necessary theoretical bases to demystify the phenomenon while practice of unilateral violence survived in the schools and in the society in general. The phenomenon is presented like a contemporary social symptom, which origin is in the process of constitution of the subjects that practice the *bullying*, be like an aggressor or like receiver of the aggressiveness of other. It considers that both persons in charge for the relation whom they build, for the road of his symptoms.

Keywords: Psychoanalysis. *Bullying*. Education. School.

²³ Pedagoga e Mestre em Educação, pela Universidade Federal de Goiás, Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, coordenadora e professora do Programa de Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. E-mail: mgmxavier42@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo esclarecer aos leitores quanto ao fenômeno do *bullying*, no que tange à sua gênese, tanto do ponto de vista do agressor quanto do ponto de vista do agredido ou da “vítima”. A Psicanálise Freudiana e lacaniana se põe como ponto de partida para a análise de discursos a respeito do fenômeno em questão e que se encontram disponíveis na mídia em geral. O funcionamento psíquico do sujeito precisa ser apreendido, segundo a teoria freudiana sobre a compulsão à repetição e como modalidade de gozo do sujeito, na perspectiva da psicanálise lacaniana, para que se possa dar conta dessa discussão que não pode ser definida unicamente por aspectos internos aos sujeitos, mas sim deste em suas relações com o contexto sócio-histórico e cultural, no qual os sujeitos se constituem.

Com essa proposta, destaquei, em uma pesquisa realizada pelo Google, dois textos que estão disponíveis na internet, para qualquer leigo- principalmente os pais, que por qualquer motivo se queixam às escolas, afirmando que seus filhos estão sendo vítimas de *bullying* - que queira saber algo sobre o *bullying*. Tais textos trazem discursos que são no mínimo precipitados, em função da superficialidade dos conhecimentos apresentados, tendo em vista a profundidade do tema.

Para as análises que empreenderemos aqui, foram selecionados dois textos, sendo um texto de definição enciclopédica, representado pelo *Wikipédia*²⁴, *dicionário encontrado pelo sistema simples de busca do Google e pelo texto de Orson Camargo, Colaborador da revista digital Brasil Escola, Graduado em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, intitulado *Bullying: não é brincadeira de criança*, publicado em um blog informativo²⁵. O texto também foi publicado pela revista Brasil Escola.*

Destes textos de divulgação, depreendemos algumas concepções que não podem ser confirmadas pelos estudiosos da psicanálise de Freud a Lacan, dois referenciais importantíssimos para qualquer estudo que se pretenda a propósito dos novos sintomas contemporâneos. Sendo assim, trataremos destes dois textos de divulgação, à luz dos principais textos psicanalíticos de Freud e de Lacan, utilizando o crivo dos pressupostos mais básicos da Psicanálise: a singularidade das manifestações do sujeito e a gênese de todos os

²⁴ WIKIPEDIA. Bullying. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying#Terminologia>. Acessado em 30/07/2014.

²⁵ <http://bullyingnaoembrincadeiradcrianca.blogspot.com.br/2011/04/bullying.html>.

comportamentos violentos, tendo em vista o processo civilizatório empreendido pela humanidade.

O *Bullying* será discutido como fenômeno histórico- social que sempre existiu, sob o nome de violência, mas que se apresenta de formas especificamente construídas no processo de desenvolvimento da modernidade, cujos efeitos são os novos sintomas contemporâneos.

Assim, penso ser importante iniciar com uma breve exposição acerca do contexto histórico representado aqui pelo que chamo de contemporaneidade.

A CONTEMPORANEIDADE E SEUS NOVOS SINTOMAS

O tempo atual ou o “nosso tempo” é um tempo histórico diferente de todos os outros, em função dos avanços científicos e tecnológicos ocorridos nas últimas décadas. É importante perceber que os avanços tecno-científicos se fazem sentir no bojo de uma reviravolta silenciosa, empreendida pelo sistema capitalista, no contexto da globalização da economia. Esse contexto favorece a emergência de novos sintomas sociais. Novos sintomas, não no sentido de que em outros tempos estes não se dessem, mas sim no sentido de sua significação. Esses novos sintomas são conhecidos como bulimia, anorexia e os demais transtornos alimentares, o uso metódico de drogas, os crimes inusitados e a depressão. Tais sintomas sempre existiram, na história da humanidade. Mas sua manifestação na contemporaneidade adquire uma especificidade que está relacionada justamente com o desenvolvimento científico e tecnológico e as transformações do tempo (caracterizadas pela pressa e pela criação de novos mercados de gozo para os sujeitos). Na contemporaneidade há uma massificação dos padrões de comportamento e de apresentação estética dos sujeitos. Essa massificação se pauta no discurso politicamente correto do “para todos”, que exclui a possibilidade da manifestação do singular, que é próprio do sujeito. Esse “para todos” está representado pelos discursos sociais, que remetem aos mercados de gozo, que o sujeito acessa conforme sua própria demanda por saúde, educação, alimentação saudável, moradia, objetos da moda, estética, drogas para se sentirem mais felizes e para afastar o sofrimento e a dor, o medo, enfim, a angústia.

É neste contexto que discuto o *bullying*, que assim como o déficit de atenção e a hiperatividade são causas dos novos sintomas contemporâneos, mas se juntam a eles, trazendo uma nova configuração das relações sociais e também escolares, tendo em vista se põe como efeitos de real, provocado pelo simbólico (discursos sociais).

Para realizar esta discussão, é necessário que se busque primeiramente em Freud e depois em Lacan, os conceitos que se põem na base do fenômeno do *bullying*.

FREUD

Freud (2006a) em *Além do princípio de prazer*, inicia seu texto dizendo:

...não se pode hesitar em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 2006^a: p. 17).

A proposta do texto é descrever os processos mentais e as análises especulativas de Freud (2006a), a partir de suas observações clínicas. Não questiona o princípio de prazer, uma vez que as suas impressões são muito evidentes. Mas diz que não se consegue saber por que esse princípio regula imperativamente o nosso funcionamento mental.

Relacionou o prazer e o desprazer à quantidade de excitação, presente na mente, mas que não se encontra vinculada. Desse modo, o desprazer corresponde a um aumento na quantidade de excitação, e o prazer, a uma diminuição. Afirma que não se pode dizer que o princípio de prazer seja dominante nos processos mentais, mas não se pode negar que haja na mente humana, uma forte tendência nesse sentido, embora esta nem sempre se realize.

Freud (2006a) diz que as circunstâncias que podem impedir o princípio de prazer de se realizar são várias, dentre elas, as familiares. O princípio de prazer seria próprio de um método primário de funcionamento psíquico, que se põe como perigoso do ponto de vista da autopreservação. A influência desses instintos, de autopreservação, adia a satisfação no longo e indireto caminho para o prazer.

Mas Freud (2006a) vai além, ao dizer que há uma condição que ocorre após graves concussões mecânicas, desastres e outros acidentes que envolvem risco de vida; essa condição recebeu o nome de neurose traumática, cujo quadro sintomático aproxima-se do da histeria. Observa que nas neuroses traumáticas comuns, há o fator da surpresa, o susto como causa. O susto é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entra em perigo sem estar preparado para ele.

A angústia e o medo protegem o sujeito contra o susto e também contra as neuroses de susto. Utiliza-se do estudo dos sonhos, para investigar esses processos mentais profundos.

Freud afirma que nas neuroses traumáticas, o sonho repetidamente traz o paciente de volta ao momento do trauma, numa situação que repete o susto ocorrido no passado. Esclarece que isso não abala sua crença no teor de realização de desejos dos sonhos, mas leva a uma reflexão sobre as misteriosas tendências masoquistas do ego.

Freud (2006a) passa a elaborar uma reflexão sobre o comportamento das crianças ao brincar e examina o funcionamento psíquico a partir das brincadeiras infantis. Cita um caso que diz ter observado intensamente por algumas semanas. Trata-se do *Fort-dá*, muito conhecido das teorias pedagógicas, que andam pela via da psicanálise e também da psicologia. Ele refere-se, então, à brincadeira inventada e realizada por um menino de um ano e meio de idade. O menino era muito ligado à mãe, que tinha de alimentá-lo e cuidar dele sem ajuda. O observador notou que o menino tinha o hábito de jogar objetos para debaixo de sua cama e ao fazê-lo, emitia um som de “óóóó”, expressando interesse e satisfação. A mãe da criança concordou que isso não era apenas uma interjeição, mas representava a palavra alemã ‘fort’.

Freud (2006a) entendeu que aquilo era uma brincadeira de ‘ir embora’, realizada com os brinquedos. O menino tinha um carretel de madeira com um dele. Segurava o carretel pelo cordão e arremessava-o para baixo da cama e dizia o longo óóóó. Depois, puxava o carretel para fora da cama novamente, soltava um alegre ‘dá’ (ali). A brincadeira simbolizava o desaparecimento e o retorno da mãe.

Para Freud (2006a), a criança se relacionava com a renúncia instintual que realizava ao deixar a mãe ir embora, como compensação, encenava ele próprio o desaparecimento e a volta da mãe, utilizando-se de objetos que se encontravam ao seu alcance. Explica que, no início a criança encontrava-se numa situação passiva, era dominada pela experiência; mas na repetição, assumia papel ativo. Freud refere-se à prática da análise para continuar sua reflexão, partindo da neurose de transferência, que se instala no trabalho de análise quando o paciente repete o material reprimido como se fosse uma experiência atual.

Freud (2006a) diz que fenômeno da repetição realizada pela criança ao brincar é a compulsão à repetição, que surge durante o tratamento psicanalítico dos neuróticos. Para compreendê-la, é necessário que se concorde que as resistências com as quais a análise tem que lidar não é inconsciente, porque o reprimido não oferece resistência. Ele quer manifestar-se ao consciente. Assim, a resistência durante o tratamento tem origem no ego, e a

compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente. A compulsão só pode se expressar a meio caminho no trabalho de análise, quando a repressão se afrouxa.

Na psicanálise freudiana, a resistência do ego inconsciente busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido. O esforço do psicanalista dirige-se no sentido de conseguir a tolerância desse desprazer por um apelo ao princípio de realidade. A maior parte do que é re-experimentado sob a compulsão de repetição, deve causar desprazer ao ego, pois traz à luz as atividades dos impulsos instintuais reprimidos. Isso, no entanto, constitui desprazer de uma espécie que já consideramos e que não contradiz o princípio de prazer; desprazer para um dos sistemas e, simultaneamente, satisfação para outro.

Freud (2006a) refere-se ao Édipo, explicando que a vida sexual infantil tem seu desenvolvimento condenado pela incompatibilidade com a realidade física do sujeito, constituindo uma penosa perda do laço afetivo com o genitor do sexo oposto; a crise inicia com o ciúme, em razão da infidelidade representada pela chegada do irmão mais novo, agravando-se com a confirmação do desdém, no processo de repressão pela educação. E o faz, para dizer que é essa situação que os pacientes repetem na transferência. As experiências de desprazer são repetidas sob a pressão da compulsão à repetição.

Na psicanálise freudiana, as mazelas vividas pelos neuróticos são produzidas por eles mesmos, por intermédio da compulsão à repetição, fazendo com que as experiências desagradáveis da infância reverberem sobre o princípio de prazer, como nos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e no impulso que leva as crianças a brincar.

Freud (2006a) diz que a realização de desejos é causada por uma alucinação nos sonhos e sob a dominância do princípio de prazer. Mas os sonhos dos pacientes que sofrem de neurose traumática conduzem à situação do trauma. Nesse caso, os sonhos estão realizando outra tarefa anterior ao princípio de prazer: o esforço para dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a angustia, cuja omissão deu origem ao trauma. Os sonhos de angustia não são exceção à realização de desejos que os sonhos têm por tarefa, assim como não o são, os sonhos de castigo, que simplesmente substituem a realização de desejo proibida pela punição adequada, ou seja, realizam o desejo do sentimento de culpa, que é a reação ao impulso repudiado. Esses sonhos surgem em obediência à compulsão à repetição, que por sua vez é apoiada pelo desejo de conjurar o que foi esquecido e reprimido.

Para o psicanalista, os caminhos para a morte são seguidos pelos instintos de conservação. O organismo deseja morrer do seu próprio modo. Luta contra os perigos que

poderiam levá-lo rapidamente à morte, por uma espécie de curto-circuito. Estes são os instintos sexuais, que são conservadores. A hipótese de instintos de autoconservação, tais como os atribuímos a todos os seres vivos, se opõe à ideia de que a vida instintual, como um todo, sirva para ocasionar a morte. Vista sob essa luz, a importância teórica dos instintos de autoconservação, autoafirmação e domínio diminui grandemente. O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Surge, então, a situação paradoxal de que o organismo vivo caminha para a morte com a mesma determinação com que se defende dela.

O debate de Freud (2006a) partiu da distinção entre instintos do *Ego*, equiparados ao instinto de morte e os instintos sexuais, equiparados ao instinto de vida. Mas concluiu que a oposição se dá então, entre pulsão de vida e pulsão de morte. Diz ter identificado a presença de um componente sádico na pulsão sexual. Esse componente, tornando-se independente, sob a forma de perversão, domina a vida sexual do indivíduo. O sadismo é um instinto de morte, que sob influência da libido narcisista, foi expulso do ego e só surgiu em relação ao objeto. As observações clínicas de Freud conduziram a uma concepção de masoquismo, como o instinto componente complementar ao sadismo, que deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio ego do sujeito.

Em “O futuro de uma ilusão”, Freud (2006b) tenta, a princípio, buscar as vantagens da civilização na riqueza disponível e nos regulamentos para sua distribuição. Mas reconhece que toda civilização repousa em uma compulsão a trabalhar e em uma renúncia ao instinto. Discute os conceitos de frustração e privação, sendo a frustração originada no fato de um instinto não poder se realizar e a privação como originada na proibição. Esclarece que os neuróticos reagem à frustração com um comportamento antissocial.

Nesse mesmo texto, o autor diz que há privações que afetam a todos e privações que afetam a grupos, classes ou indivíduos isolados. Explora o flagrante das restrições impostas somente às classes subprivilegiadas e afirma que é de se esperar que essas classes invejem os privilégios das favorecidas e façam tudo o que puderem para se liberarem de seu próprio processo de privação. Onde isso não for possível, uma parcela de descontentamento persistirá dentro da cultura, podendo ocasionar revoltas.

Segundo Freud (2006b), as pessoas oprimidas vão desenvolvendo uma hostilidade contra a cultura que existe por causa de seu trabalho, mas de cuja riqueza não pode usufruir; em decorrência disso, elas não internalizam as proibições culturais. Elas as reconhecem, mas



têm a intenção de destruir a própria cultura e os seus postulados. Mas, nesse ponto do texto de Freud (2006b), o conceito de narcisismo é abordado. Explica que o ideal cultural proporciona a satisfação narcísica, que atua como força bem sucedida contra a hostilidade para com a cultura. As proibições são calcadas em ideais para a sociedade e todo ideal é narcísico. O uso de drogas não se põe como um ideal para a civilização. Assim, a prática de se intoxicar, não tem origem no narcisismo do sujeito.

Freud (2006b) ainda aborda outros tipos de satisfação que são concedidas aos participantes de uma unidade cultural: a arte, inacessível às massas, mas que oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundas renúncias culturais, apaziguando o homem com os sacrifícios da civilização e elevando os sentimentos de identificação cultural e a religião ou ilusões do homem, o mecanismo mais eficiente contra o perigo da hostilidade das massas.

Na psicanálise freudiana, os seres humanos desejam ser felizes e assim permanecer. Há uma expectativa de completude, na fantasia da felicidade. Para Freud (2006b), essa empresa apresenta um aspecto positivo, que visa a uma ausência de sofrimento e um aspecto negativo, representado pela experiência de intensos sentimentos de prazer. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação. Só existe na medida em que o sentimento, e só o sentimento como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado.

Freud (2006b) também inclui o amor como “técnica da arte de viver”, que consiste em amar e ser amado, uma atitude psíquica considerada natural para o senso comum: o amor sexual, que proporciona a mais intensa sensação de prazer, mas mostra que o lado fraco desta técnica é que o ser humano se vê indefeso quando há perda do ser amado. Esclarece que a felicidade possível é um problema da economia da libido do indivíduo, que não se aplica a todos, cada um tem de descobrir por si mesmo seu modo específico de ser feliz. Essa sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas. O homem erótico dará mais importância às relações emocionais; o narcisista com tendência à autossuficiência, busca suas satisfações principais em seus processos mentais internos, de acordo com a natureza dos seus talentos e a parcela de sublimação irá incidir sobre seus interesses; o homem de ação testará sempre sua força no mundo externo. O homem que vê sua busca de felicidade sem resultado, ainda pode encontrar consolo na técnica da intoxicação crônica ou então se empenhar na tentativa de rebelião psicótica.



Freud (2006c) cita a culpa como o mecanismo mais utilizado pela civilização para livrar-se da agressividade ou inibi-la. A culpa se põe como resultado da agressividade introjetada, que é enviada de volta para o lugar de onde proveio, ou seja, do próprio ego. A agressividade é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego, e que então, sob a forma de consciência, está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos. E essa tensão entre ego e superego é a culpa, que se expressa como necessidade de punição. As origens do sentimento de culpa é o medo de uma autoridade externa e depois passa a ser medo do superego, autoridade interiorizada pelo sujeito. A consciência então é o resultado da renúncia instintiva (imposta de fora) e exige mais renúncias instintivas.

O relacionamento entre o superego e o ego constitui um retorno deformado pelo desejo dos relacionamentos reais existentes entre o ego, ainda individualizado e um objeto externo. A diferença essencial, porém, é que a severidade original do superego não representa tanto a severidade que dele (do objeto) que se experimentou ou que se lhe atribui. Representa, no entanto, a nossa própria agressividade para com ele.

LACAN

No terceiro ensino de Lacan, há um “osso duro” no gozo, que não se consegue atingir. Assim como Freud se referiu ao “umbigo do sonho”, como um desejo inacessível, Lacan faz referência a algo que é da ordem do real e, portanto do *objeto a*, que é impossível de apreender.

Miller (2009) afirma que para Lacan, o sujeito fala para si mesmo e que essa fala empreendida pelo sujeito é uma fala gozosa, considerada como pulsão. O circuito da fala-satisfação, da fala-pulsão. Diz que no terceiro ensino de Lacan, o inconsciente, ao contrário do inconsciente freudiano, que representa o discurso do Outro, se apresenta como o discurso do Um. Esse discurso faz com que a fala perca sua função de comunicação e passa a ser só o gozo do Um.

Ressalta que em seu terceiro ensino, Lacan passa a designar o sujeito como falasser ou ser na fala e segundo Miller, essa designação compreende o sujeito e o inconsciente. Recorre ao texto de Lacan, para dizer que a fala é inconsciente, porque se fala sozinho, para si mesmo e se diz sempre a mesma coisa. Contempla o *falasser* lacaniano como em uma relação autística consigo mesmo, que se manifesta na *alíngua*.

O gozo, cuja repetição se situa no limite desse saber, que é o gozo do Outro, pela intervenção do significante. Popularmente, instinto traz a ideia de um saber, faz com que a vida subsista. O princípio do prazer em Freud é essencial ao funcionamento da vida, embora mantenha a tensão mais baixa, ele relaciona-se com a pulsão de morte.

O que está no inconsciente é o saber ancestral que faz com que a vida se detenha no sentido do gozo. A relação entre saber e gozo é primitiva. O saber é um tipo privilegiado de gozo, que é a perda do gozo sexual – a castração.

ANÁLISES DOS TEXTOS INFORMATIVOS ACESSADOS PELA INTERNET

Camargo (2011) diz que o bullying é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

Ressalto aqui alguns pontos que precisam ser analisados: a falta de motivação evidente para a agressão; a relação desigual de forças ou poder dentro da relação existente entre o agressor e a pessoa agredida e a falta de possibilidade ou capacidade de se defender da pessoa agredida. Estes são alguns pontos do texto que precisam ser mais aprofundados para que se possa ter uma melhor compreensão da intrincada teia de significações contidas no fenômeno do *bullying*, o que faremos ao final deste tópico.

O mesmo autor afirma que o fenômeno *bullying* se divide em duas categorias: a) *bullying* direto, que é a forma mais comum entre os agressores masculinos e b) *bullying* indireto, sendo essa a forma mais comum entre mulheres e crianças, tendo como característica o isolamento social da vítima. Em geral, a vítima teme o(a) agressor(a) em razão das ameaças ou mesmo a concretização da violência, física ou sexual, ou a perda dos meios de subsistência.

Aqui neste ponto do texto de Camargo (2011), quero ressaltar as várias formas de violências implicadas no fenômeno, o que mostra que o *bullying* pode muito facilmente ser empreendido em qualquer contexto em que uma criança ou adolescente esteja inserido. Especial e principalmente, porque mais facilmente, por adultos, quais sejam pessoas

desconhecidas e até mesmo os pais e os mestres, pessoas que estão posicionadas simbolicamente como autoridades.

O sociólogo justamente propõe o *bullying* como um problema mundial, que pode ocorrer em praticamente em qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho, entre pessoas adultas – e podemos ampliar também o contexto virtual, estendendo o debate para o chamado *cyberbullying*- e entre vizinhos. Ele diz também que há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do *bullying* entre seus alunos, seja por desconhecimento ou por negação. Mas ressalta que entre crianças e adolescentes, esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde não há presença ou supervisão de pessoas adultas.

O autor em questão diz que as pessoas que testemunham o *bullying* convivem com a violência e se silenciam em razão de temerem se tornar as “próximas vítimas” do agressor. No espaço escolar, quando não ocorre uma efetiva intervenção contra o *bullying*, o ambiente fica contaminado e os alunos, sem exceção, são afetados negativamente, experimentando sentimentos de medo e ansiedade.

Penso que neste ponto do texto, as intervenções da Psicanálise se fazem necessárias ao debate, tendo em vista que o autor do texto inverte a posição do *bullying* como sintoma, para uma posição de origem do sintoma. Os textos de divulgação toma o fenômeno como sendo a origem da violência e não como sintoma social, que assume a forma do *bullying*.

O texto que analisamos aqui, afirma também, que crianças ou adolescentes que sofrem *bullying* podem se tornar adultos com sentimentos negativos e baixa autoestima. Tendem a adquirir sérios problemas de relacionamento, podendo, inclusive, contrair comportamento agressivo. Em casos extremos, a vítima poderá tentar ou cometer suicídio.

O termo contrair, muito usado na definição da origem das doenças transmitidas pelo contato com uma pessoa infectada, ao compartilhar do mesmo ambiente, não deve ser aplicado aqui, uma vez que comportamentos agressivos não são contraídos por proximidade e nem identificação pura e simples a figuras significantes agressivas. É necessário, para que haja identificação ao agressor, que o sujeito se identifique a algo que possibilite a ele a repetição de outra experiência traumática, conforme Freud nos indicou em Além do princípio de prazer e Lacan nos indica através do seu terceiro ensino, em sua concepção de gozo, como sendo justamente o além do prazer, marcado pelo sofrimento, que constitui o *mais-de-gozar* particular imposto pelo Outro (simbólico) na contemporaneidade.

O texto então conclui que o(s) autor(es) das agressões geralmente são pessoas que têm pouca empatia, pertencentes a famílias desestruturadas, em que o relacionamento afetivo entre seus membros tende a ser escasso ou precário. Por outro lado, o alvo dos agressores geralmente são pessoas pouco sociáveis, com baixa capacidade de reação ou de fazer cessar os atos prejudiciais contra si e possuem forte sentimento de insegurança, o que os impede de solicitar ajuda. Finalmente apresenta dados brasileiros sobre o *bullying*, afirmando que uma pesquisa realizada em 2010 com alunos de escolas públicas e particulares revelou que as humilhações típicas do *bullying* são comuns em alunos da 5ª e 6ª séries. As três cidades brasileiras com maior incidência dessa prática são: Brasília, Belo Horizonte e Curitiba.

O curioso a se constatar, ao contrastarmos essas afirmações relacionadas às características psicológicas do agressor e do agredido implicam nas duas formas mais básicas das manifestações da agressão humana: a agressividade contra o outro e a agressividade contra si mesmo. Esses dois tipos de agressividade estão implicados nas diferentes posições assumidas pelos sujeitos envolvidos no *bullying*, inclusive daqueles que não fazem nada, apenas assistem. A contemplação de atos violentos, bem como de atos sexuais e ou libidinosos estão implicados na forma de gozo do sujeito.

A conclusão do autor, que identifica os agressores a sujeitos pertencentes a famílias desestruturadas em que o relacionamento afetivo entre seus membros tende a ser escasso ou precário. Penso que isso é muito pouco para que o sujeito se torne um agressor.

Esse tipo de agressividade, para ser desenvolvida, necessita que haja uma marca, que para Lacan, o sujeito traz de um momento pré-linguístico, quando algo traumático do ponto de vista do bebê aconteceu e não pôde ser simbolizado. O sofrimento do trauma tende a ser repetido, para além do prazer, como gozo para o sujeito e, portanto implicado na pulsão de morte, marcando o processo destrutivo e autodestrutivo do sujeito.

O dicionário Wikipédia traz em tese, a mesma definição, porém traz mais alguma contribuição para o debate que pretendo aqui empreender. Ele define o *Bullying* como um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um ou grupo de indivíduos causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Em 20% dos casos as pessoas são simultaneamente vítimas e agressoras de *bullying*, ou seja, em determinados momentos cometem agressões, porém também são vítimas de

assédio escolar pela turma. Nas escolas, a maioria dos atos de *bullying* ocorre fora da visão adulta e grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida.

No texto da Wikipédia, o *bullying* é tomado como um tipo de assédio escolar em que implica no *acossamento* ou intimidação por alguém que está de alguma forma, em condições de exercer o seu poder sobre alguém ou sobre um grupo mais *fraco*. O texto também define o conceito em três termos específicos: o comportamento é agressivo e negativo; o comportamento é executado repetidamente; o comportamento ocorre num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Divide o fenômeno em duas categorias: assédio escolar direto; assédio escolar indireto, também conhecido como *agressão social*, como aquela cuja principal característica é o forçamento da vítima ao isolamento social. Este isolamento é obtido por meio de uma vasta variedade de técnicas, que incluem espalhar comentários; recusa em se socializar com a vítima; intimidar outras pessoas que desejam se socializar com a vítima; ridicularizar o modo de vestir ou outros aspectos socialmente significativos (incluindo a etnia da vítima, religião, incapacidades etc.).

O texto do Wikipédia ainda ressalta ainda, que o assédio escolar não envolve necessariamente criminalidade ou violência, uma vez que frequentemente funciona por meio de abuso psicológico ou verbal. Continua dizendo que os agressores ou “valentões” são pessoas comumente hostis, intolerantes e usam a força para resolver seus problemas. Mas põe em foco a questão das origens da violência praticada pelo sujeito, que “via de regra” também foi vítimas de violência, maus-tratos, vulnerabilidades genéticas, falência escolar e experiências traumáticas. Tais experiências podem levar ao *bullying* e aos comportamentos autodestrutivos, como consumo de álcool e drogas e o prazer em correr riscos desnecessários.

Neste ponto do texto do Wikipédia há que se ressaltar que todos estes comportamentos destrutivos, seja contra o outro ou contra si mesmo, podem ter origem tanto no agressor quanto no agredido, uma vez que ambas as posições são posições destrutivas.

A Wikipédia aponta algumas pesquisas e informa Em um estudo entre alunos autores de *bullying*, 51,8% afirmaram que não receberam nenhum tipo de orientação ou advertência por seus atos. Provavelmente porque 41,6% dos que admitiram ser alvos de *bullying* relataram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família.

A afirmação do texto, de que a orientação ou advertências poderiam ter mudado o rumo do comportamento do sujeito não tem base na perspectiva psicanalítica, segundo a qual a finalidade última do funcionamento do desejo inconsciente é a realização do prazer, que

encontra sempre no seu mais além, a implicação do gozo, que pode ser definido como fruição, ou seja, uma mistura de prazer e dor, realizado a partir da pulsão de morte.

O texto em análise dá exemplo de técnicas de assédio escolar: insultar a vítima; acusar sistematicamente a vítima de não servir para nada; ataques físicos repetidos contra o corpo ou propriedade de uma pessoa; interferir com a propriedade pessoal de uma pessoa, livros ou material escolar, roupas, etc., danificando-os; espalhar rumores negativos sobre a vítima; depreciar a vítima sem qualquer motivo; fazer com que a vítima faça o que ela não quer, ameaçando-a para seguir as ordens; colocar a vítima em situação problemática com alguém (geralmente, uma autoridade), ou conseguir uma ação disciplinar contra a vítima, por algo que ela não cometeu ou que foi exagerado pelo *bully*; fazer comentários depreciativos sobre a família de uma pessoa (particularmente a mãe), sobre o local de moradia de alguém, aparência pessoal, orientação sexual, religião, etnia, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra inferioridade apreendida da qual o *bully* tenha tomado ciência; isolamento social da vítima; usar as tecnologias de informação para praticar o *cyberbullying* (criar páginas falsas, comunidades ou perfis sobre a vítima em sites de relacionamento com publicação de fotos etc.); chantagem; expressões ameaçadoras; grafiteagem depreciativa; usar de sarcasmo evidente para se passar por amigo (para alguém de fora). Enquanto assegura o controle e a posição em relação à vítima (isto ocorre com frequência logo após o *bully* avaliar que a pessoa é uma "vítima perfeita"); fazer que a vítima passe vergonha na frente de várias pessoas.

A questão que se põe aqui, é que se tomarmos estas técnicas ao pé- da- letra, veremos que cada um de nós se identificará em diferentes graus, com estas formas de resolver problemas ou de realizarmos a nossa vontade, à revelia da vontade do outro. O falasser, termo proposto por Lacan (1985), para designar o sujeito contemporâneo, como ser na fala, ser falante, aquele que escorre pela linguagem. O bullying pode ser realizado pelo sujeito que só é na linguagem, sujeito que escorre pela linguagem e que é causado pelo simbólico, que incide sobre o real do corpo, como uma inscrição indelével.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi dito a respeito do gozo do sujeito contemporâneo, a partir da Psicanálise freudiana e lacaniana, o que podemos ensinar à escola é que vincule a criança ao desejo, desde sempre atrelado ao conhecimento (desejo de aprender); aos professores, que

escutem seus alunos muito mais do que falam a eles; aos pais, que fortaleçam a criança, do ponto de vista da segurança e da confiança, para o enfrentamento de suas questões escolares e relacionais e que fortaleçam também a escola, no sentido de não desautorizá-la, frente às questões que envolvem os filhos, mas que a tomem como parceira no difícil trabalho de participar da constituição de sujeitos, na sociedade do excesso e a todos, que busquem o desenvolvimento da autonomia, a inclusão e a aceitação do sujeito em sua singularidade, discernindo bem entre o que é violência e o que é agressividade necessária à sustentação e à preservação da vida, estimulando a última.

Recebido em: Agosto de 2014

Aceito em: Novembro de 2014

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, E. C. **Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.** Psicol. cienc. prof. v.21 n.4 Brasília dez. 2001.

BOAVENTURA, M. **O excesso como lugar de interdito?** An. 8 Col. LEPSI IP/FE-USP 2011. On-line ISBN 978-85-60944-35-4. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100038&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20/11/2011.

FREUD, S. (1921-1922) **Além do princípio de prazer.** Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.

FREUD, S. (1927-1931) **O futuro de uma ilusão.** Rio de Janeiro: Imago, 2006b. (p. 15-63).

FREUD, S. (1927-1930). **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 2006c. (p. 71-150).

FREUD, S. **Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e Outros trabalhos.** (1925-1926). Rio de Janeiro: Imago, 2006d.

LACAN, J. O Seminário. **Livro 1: Os escritos técnicos de Freud.** São Paulo: Zahar, 1987. (Campo Freudiano no Brasil)

LACAN, J. O Seminário. **Livro 16: de um Outro a outro.** 1968-1969. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; [tradução Vera Ribeiro; preparação de textos André Telles; versão final Angelina Harari e Jésus Santiago]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

LACAN, J. O Seminário. **Livro 17: O avesso da psicanálise.** 1969-1970. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; [versão brasileira de Ari Roitman; consultor, Antônio Quinet]. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. O Seminário. **Livro 20: Mais Ainda.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. O Seminário. **Livro 4: A relação de objeto.** 1956-1957. Texto estabelecido por Jacques Alain- Miller [versão brasileira de Dulce Duque Estrada e revisão de Angelina Harari]. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. **Os Complexos familiares.** [versão brasileira de Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior]. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LACAN, J. **Escritos.** 1966. [versão brasileira de Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **Psicoanálisis y medicina.** (version completa). Tradução de Ricardo R. Ponte. Jueves 29 de mayo de 2008b. Disponível em: <<http://elpsicoanalistalector.blogspot.com/2008/05/Jacques-lacan-psicoanalisis-y-medicina.html>>. Acesso em 17/09/2011.

MRECH, L. M. M. (Org). **O impacto da psicanálise na educação.** São Paulo: Avercamp, 2005b.

MRECH, L. M. **A obra de Jacques Lacan.** Ver. Educação: especial biblioteca do professor. Ano II. Nº 9.

MRECH, L. M. **Lacan, a educação e o impossível de educar.** Ver. Educação: especial biblioteca do professor. Ano II. Nº 9.

MRECH, L. M. **Lacan, a educação e o impossível de educar.** Ver. Educação: especial biblioteca do professor. Ano II. Nº 9.

MILLER, J. A. **Perspectivas do seminário 23 de Lacan: O sinthoma.** [Revisão do texto de Terezinha Prado]. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PETRACCO, M. M. **A psicanálise e o adolescente em conflito com a lei.** Monografia. Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre: Porto Alegre, 2007.

RUFFINO, R. **Mundo moderno e cena juvenil.** An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200070&script=sci_arttext> Acesso em 20/11/2011.

SOUSA, E. L.; GOLDMEIER, P. **Juventude em tempos de violência.** Revista Mal-estar e Subjetividade. Vol. VIII, nº 4, 2008. ISSN (Versión impresa): 1518-6148. Universidade de Fortaleza, Disponível em<<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27111861007>> Acesso em 01/01/2012.

TOMASELLI, T. **Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade. De Quem?** Rede Psi, 15/06/2010. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/soapbox/article.php?articleID=640>> Acesso em 24/04/2012.